



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

BENJAMIN E A OBRA DE ARTE ENQUANTO LINGUAGEM E O FENÔMENO DA PERDA DE SUA AURA¹

Luana Aparecida de Oliveira², Paulo Rudi schneider³.

¹Produção textual realizada no projeto de pesquisa científica enquanto bolsista de iniciação científica PIBIC/UNIJUI.

²Estudante do Curso de Filosofia do Departamento de Humanidades e Educação. E-mail: luanatuba@hotmail.com.

³Professor do Departamento de Humanidades e Educação. Líder do Grupo de Pesquisa.

Resumo

Há duas questões aqui tratadas que se referem à filosofia de Walter Benjamin: a arte enquanto linguagem e os efeitos causados pela reprodução desta arte. Primeiramente é investigado sobre a tarefa da filosofia de promover a recordação de que sempre estamos acontecendo juntos com as nossas manifestações, as quais se dão de forma lingüística, como por exemplo, também a obra de arte. Depois, é pesquisado sobre a obra de arte que se dissolve nas várias reproduções do original, fato que destrói o seu status de raridade, o qual se dá por seu caráter único. A unicidade corresponde a todo um passado em forma de tradição que a obra carrega, este que irá revelar do que ela se trata. O caráter único de cada obra também revela a experiência entre a arte e o expectador, experiência que se funda no valor de culto atribuído à obra. A queda da sua aura, causada pela exposição excessiva da obra na reprodutibilidade técnica, conseqüentemente promove a liquidação do elemento tradicional da herança cultural, no qual ela tem seu valor de culto.

Palavras-chave: obra de arte, linguagem, aura, reprodução técnica.

Introdução

Neste texto num primeiro momento são analisadas as reflexões de Walter Benjamin sobre uma das possibilidades da linguagem, a qual se refere à arte que se revela linguisticamente. Já num segundo momento são verificados os efeitos de uma obra de arte reproduzida, isto é, são analisadas, com uma perspectiva filosófica, as conseqüências da reprodução de uma linguagem imagética.

Alguns pontos problemáticos que podemos pensar a respeito das reproduções das obras de arte dizem respeito à qualidade de uma obra reproduzida, aos critérios para julgar as artes segundo suas técnicas, isto é, se as formas de reprodução podem alterar o conceito de arte, se as técnicas de reprodução podem transformam sua natureza enquanto arte e se essas técnicas influenciam na fruição da obra de arte.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Tendo como principal suporte o texto de Walter Benjamin *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*, pretende-se aprofundar a discussão a respeito da concepção filosófica da arte enquanto linguagem, obter compreensão mais acurada no que se refere às problemáticas do artístico que é reproduzido e que se mostra como linguagem, refletir criticamente acerca das dimensões lingüísticas que a arte traz consigo, e por fim, desenvolver o pensar cientificamente e a criatividade que decorrem das condições criadas pelo confronto com os problemas de pesquisa.

Metodologia

Diante das questões que surgem com a afirmação de que a linguagem também se revela nas expressões artísticas, e sobre os pontos que a filosofia examina e discute por conta desta perspectiva da linguagem, foi necessário recorrer a alguns livros de Walter Benjamin, e também a alguns de seus comentadores, os quais pudessem auxiliar na compreensão do debate referente a essas problemáticas. Empenho em se ter leitura atenta acompanhada da reflexão crítica e questionamentos dirigidos ao professor orientador são alguns dos fatores que foram necessários para a realização esta pesquisa.

Resultados e Discussão

Walter Benjamin e a Obra de Arte Enquanto Linguagem e o Fenômeno da Perda de sua Aura

Walter Benjamin em alguns de seus textos realiza análise sobre a arte, para o autor a arte não é somente uma forma de linguagem, é também lugar onde a verdade é preservada, pois a arte conserva a capacidade de nomeação, isto é, a arte não faz a separação entre imagem e significação, a arte enquanto imagem terá mais significação quanto mais autêntica ela for. Na obra de arte não há lugar para uma linguagem que se dê de forma objetiva, como se o artista que realiza a arte estivesse separado de sua própria arte, ao contrário, a arte é uma linguagem que não se dá de maneira externa ao artista, neste caso, sujeito e objeto não se separam, pois um está relacionado e implicado com o outro, sendo que um se reconhece no outro.

Na obra de arte não há fundamentações objetivas, não há compreensões absolutas, e sim compreensões parciais, visto que há uma subjetividade autônoma que se expande conforme a interpretação que fica por conta de cada leitor. Sendo assim, o que está expresso numa obra de arte vai além do já expressado, abre-se aí um caminho vasto para compreensões, de modo que essa linguagem já expressa uma totalidade na qual o artista participa da origem dessa totalidade que também está presente na obra de arte. A origem da obra de arte é a sua identidade, esta identidade se dá no contexto histórico e antropológico, isto é, tudo aquilo que trata de seu nascimento e que está em meio a ele, que leva em conta o porquê, a forma de seu nascimento e entre vários outros fatores que se referem a criação da obra de arte feita pelo homem.

É para o aspecto histórico e antropológico, os quais por vezes podem ser nebulosos, que temos que voltar a atenção, isto é, temos que recordar para que possamos conhecer a





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

fundo o que sua expressão totalizante revela. Essa origem é interna, pois como já dito a arte não se desvincula de quem a criou, visto que a arte é uma idéia, uma realização de um pensamento, uma expressão subjetivada, mas concreta, uma manifestação reveladora, uma linguagem onde seu conteúdo lingüístico diz muito do seu criador.

Benjamin fala da necessidade da recordação de que se está fazendo parte, ou seja, de que se está sendo participante da própria arte, sendo que nesse ponto da questão a filosofia adquire comprometimento com a tematização e divulgação da recordação, pois ela por seu caráter reflexivo consegue dar-se conta da participação que cada um tem em tudo que expressa, seja em qualquer uma das formas que a linguagem se apresenta. Por isso a filosofia tem como tarefa promover essa recordação de que sempre estamos acontecendo junto com as nossas mais variadas manifestações, as quais se dão de forma lingüística.

Para W. Benjamin a apresentação da arte sob forma de linguagem não se dá com abordagem direta, isto é, não há uma compreensão imediata a seu respeito, pois nessa forma de linguagem há a necessidade de se recorrer a um processo de digestão, onde é preciso interpretar e traduzir a idéia que está em forma de arte. Nesse traduzir sempre há uma pretensão de compreender a obra por inteiro, dizendo o que ela é e o que ela não é. Essa tentativa de um entendimento pleno sempre haverá, no entanto, a linguagem da arte está sempre fugindo de definições fixas, ela é uma verdade subjetiva que não suporta julgamentos imutáveis. Para compreender provisoriamente uma obra de arte, considerando que nunca teremos interpretações idênticas umas às outras, é preciso ir em busca da sua origem cultural, investigar a tradição que ela carrega, levando em conta todo o seu contexto.

No texto *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* Benjamin fala da importância da tradição que a obra de arte carrega, e como o fenômeno da modernidade chamado de reprodução técnica afeta a identidade da obra de arte, esta identidade se refere à tradição que pertence à arte. Embora a reprodução técnica da arte tenha se realizado em todas as épocas, com a modernidade tecnológica esse tipo de reprodução aumenta cada vez mais rápido.

Uma das reproduções artísticas que vem se sofisticando com a modernidade é a fotografia, nela a mão não é mais um instrumento para fazer arte e sim as lentes da máquina que captam e registram a realidade. A fotografia grava e destaca aspectos do original, o qual o olho deixa escapar e somente uma lente poderia captar, reproduzindo várias vezes uma realidade que seria única. “Com a fotografia, pela primeira vez, a mão se libertou das tarefas artísticas essenciais, no que toca à reprodução das imagens as quais, doravante, foram reservadas ao olho fixado sobre a objetiva.” (BENJAMIN, 1934. p. 211).

Como distinguir o fraudulento do original? As técnicas de reprodução, já no século XX, permitem a não distinção entre a cópia e o original, porém, mesmo sendo superficialmente igual, sempre irá faltar o *hic et nunc*, (o aqui agora) isto é, “(...) a unicidade de sua presença no próprio local onde ela se encontra. Não obstante, é a esta presença única e somente a ela, que se encontra ligada toda sua história.” (BENJAMIN, 1934. p. 212). O *hic et nunc* da obra original é o que nela se constitui e se transmite originalmente como único, como o seu *testemunho histórico*, aquilo que a obra já presenciou e vivenciou no decorrer de sua



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

existência enquanto participante de toda uma tradição. A exemplo disto, “(...) o valor da unicidade próprio da obra de arte “autêntica” se basearia (...) no que foi originalmente o suporte de seu antigo valor de uso”. (BENJAMIN, 1934. p. 216)

Há reprodução técnica que, segundo Benjamin, aproxima a obra do espectador, como por exemplo, um concerto musical que está sendo ouvido e apreciado no lar do ouvinte por um aparelho de reprodução, sendo que para o original em forma de concerto isso seria muito improvável ou incomum. Mas por mais que as técnicas de reprodução mais avançadas tecnologicamente não alterem a obra em si, de qualquer forma a reprodução da obra de arte afetará a sua *aura*, a unicidade da obra participante de uma realidade. Quanto mais a obra ficar exposta, mais ela perderá seu valor de culto imagético, o qual primordialmente era considerado sagrado. Como por exemplo, o retrato que grava a imagem de uma pessoa que não mais está próxima, entretanto quando o humano já não está mais presente nas imagens fotográficas a exposição é tida como mais importante que o valor de culto.

Cada obra de arte carrega uma tradição que lhe é própria. Perceber esse seu entorno e ver o que ela tem de único é sentir seu status sagrado, é dar um valor de culto, isto é, cultivar uma obra de arte que está distante. Porém, quando se perde o caráter único há um declínio na aura, tendo como exemplo a fotografia que copia a unicidade de um mundo e que por isso deixa de adquirir o status de sagrado, pois o que era de uma identidade única se tornou múltiplo, estando em vários lugares ao mesmo tempo. Para Benjamin, as mais variadas técnicas de reprodução de obras de arte proporcionam não somente uma mudança quantitativa, mas também a mudança qualitativa, transformando assim, a essência da obra.

O declínio da aura da obra também se dá pelo fator social, este se refere ao desejo incessante de querer a aproximação da obra de arte através de sua posse, como um fetiche de mercadoria, e assim, sua exposição acaba empregando funções novas de maneira que a função artística apareça em segundo plano. Portanto, as técnicas de reprodução das obras de arte também contribuem para o interesse do sistema capitalista, que objetiva elevar o consumo de produtos culturais, transformando estes em mercadoria para a massa.

“As técnicas de reprodução aplicadas à obra de arte modificam a atitude da massa diante da arte.” (BENJAMIN, 1934. p.) Com esta afirmação Benjamin mostra que as técnicas de reprodução têm grande influência sob a população em geral, e que por isso há a possibilidade de as técnicas de reprodução fazerem uso do potencial que as artes têm para promover o pensamento crítico, o que seria uma das suas funções sociais. Outra função social que cabe às reproduções das obras de arte, seria a democratização das próprias obras de arte, porém no momento em que diminui a sua democratização, diminui junto com ela o caráter crítico que pessoas possuem referente à arte quando têm acesso às obras de arte. Para Benjamin a arte que já é conhecida não é criticada, entretanto a arte que é nova recebe bombardeios de críticas, entretanto, o autor considera a crítica de suma importância, pois ajuda a aperfeiçoar a própria obra, por isso a necessidade de a população ter acesso às obras de arte.

Já no que se refere ao ator de teatro, quando este entra em cena priva-se de sua aura para dar espaço à aura do personagem que está encarnando, e a platéia modifica e influencia a



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

encenação, assim como as percepções e o comportamento da coletividade também condicionará a aura da obra de arte.

Em relação ao cinema Benjamin fala que o mesmo dispõe de variadas técnicas para que aconteça a reprodução da realidade: “(...) ela (a imagem do real fornecida pelo cinema) só o consegue precisamente na medida em que usa aparelhos para penetrar, do modo mais intensivo possível, no próprio coração deste real.” O cinema tem como intenção capturar a realidade através de seus aparelhos e suas técnicas, por vezes as indústrias cinematográficas assim como a indústria cultural também anseiam pela aplicação de influências ideológicas. No cinema como seus atores não atuam de modo contínuo, e sim em cenas isoladas, séries, episódios, montagens... Ele também acaba restringindo sua aura e construindo artificialmente a personalidade de ator.

Porém, o fato da queda da significação social da arte gerar a separação do espírito crítico com a fruição da obra, não teve continuidade no cinema devido às reações individuais serem determinadas pelo caráter coletivo que o cinema tem, caráter coletivo que se refere à pretensão do cinema de se dirigir às massas, já que elas buscam diversão. Para Benjamin, o cinema também contribui esclarecendo melhor as teorias freudianas através da representação da realidade, pelo que pode revelar detalhes da vida cotidiana que chamam nossa atenção para a análise. O cinema auxilia ainda para aprofundar a percepção, tanto auditiva como visual. Ele inclusive reproduz a realidade com mais exatidão que a pintura, e até mesmo melhor que o teatro, pois o cinema é capaz de isolar certos elementos dos quais o teatro não conseguiria.

Entretanto, Benjamin considera que a natureza vista pelas câmeras é diferente da natureza vista pelos olhos, pois as câmeras substituem o espaço em que o homem age conscientemente, substitui o agir livre e o olhar amplo que pode fixar na imagem que desejar. Nas telas do cinema o olho não consegue se fixar, pois, mal capta uma imagem, outra já aparece, sendo pouco ou até nulo o tempo para contemplação e reflexão. A pintura, por outro lado, exige concentração e o recolhimento do espectador diante da obra, deixando-se envolver por ela.

Por outro lado, porém, a técnica fílmica possibilita a experiência do inconsciente visual, do mesmo modo que a psicanálise possibilita a experiência do inconsciente instintivo. A câmera oportuniza que o sujeito veja imagens que, até então, eram imperceptíveis ao olho humano, sendo que estas provocam o surgimento de uma nova realidade que se dá por uma nova percepção.

Por fim, Benjamin nos remete a uma nova reflexão a respeito das obras de arte tecnologicamente reproduzidas no sentido de estarem afetando até mesmo a política e a guerra, as quais se tornaram espetáculos artísticos pela propaganda e pelos grandes espetáculos, em que paradas militares e discursos políticos entre outros formam uma ideologia que visa manipular emocionalmente a sociedade para incutir ideais predeterminados por determinado grupo no poder. Sobre essa questão podemos pensar que a maneira de como será utilizada a arte modificada pelas técnicas de reprodução e os efeitos que essas técnicas causarão irá mostrar se a sociedade estava madura ou não para sua invenção e utilização.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Conclusão

Em suma, esta pesquisa abordou a análise de Benjamin sobre a arte que se revela em uma perspectiva linguística. Uma das questões que se destaca como resultado da análise do texto é a da necessidade da recordação de que fazemos parte, isto é, de que participamos da própria arte enquanto seres culturais que acontecem juntos na mesma tradição que a envolve. Sobre esse ponto que é essencial a filosofia desde sempre entende-se como aliada na tarefa comprometida de elucidação, conscientização e indiciamento da recordação, pois a filosofia por seu caráter reflexivo consegue dar-se conta da participação que cada um tem em tudo que expressa, seja em qualquer uma das formas em que a linguagem se apresenta.

Outra questão trata das causas e conseqüências das técnicas de reprodução das obras de arte. A perda da sua aura é uma dessas conseqüências, causada pela exposição excessiva da obra, e, conseqüentemente promove a liquidação do elemento tradicional da herança cultural, no qual ela tem seu valor de culto. As técnicas de reprodução das obras de arte também contribuem para o interesse do sistema capitalista, que objetiva elevar o consumo de produtos culturais, transformando estes em mercadoria para a massa.

Por outro lado, porém, na medida em que possibilita outro relacionamento das massas com a arte, esse processo transforma-se num instrumento eficaz de renovação das estruturas sociais. Justamente pelo fato de as técnicas de reprodução transferirem as obras de arte para a proximidade dos inúmeros expectadores, ela se torna um veículo de democratização da cultura no que se refere ao direito da apreciação das obras artísticas; assim, essas se tornam acessíveis às massas, havendo a possibilidade de não só da classe mais favorecida economicamente experimentar novas percepções de uma mesma realidade que se dá através das linguagens imagéticas.

Referências

BENJAMIN, Walter, "A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica", in LIMA, Luiz Costa (org). Teoria da Cultura de Massa, 4ªed, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p. 207-240.

PAVIANI, Jayme. "A Questão Estética da Modernidade em Walter Benjamin e Fernando Pessoa." A Obra de Arte na Era da Indústria Cultural. Caxias do Sul, PyR Edições, 1987, p.79-100.

SCHNEIDER, Paulo Rudi. A Contradição da Linguagem em Walter Benjamin. Ijuí, ed.Unijuí. 2008.